

ANTROPOLOGIA E CULTURA

Priscila Farfan Barroso



SOLUÇÕES
EDUCACIONAIS
INTEGRADAS



Universalismo, relativismo e multiculturalismo

Objetivos de aprendizagem

Ao final deste texto, você deve apresentar os seguintes aprendizados:

- Construir um bom conceito da relação entre culturas.
- Relacionar os conceitos de universalismo, do relativismo e do multiculturalismo.
- Distinguir uma boa maneira de se pensar em formas de resolução dos problemas da diferença.

Introdução

Neste capítulo, você observará a existência de traços antropológicos que podem ser universais, comuns ou gerais, e particulares. E por isso mesmo, você irá ler sobre a necessidade de aceitação da diferença como base para a construção de uma relação pacífica entre as culturas.

A relação entre as culturas

O avanço das tecnologias permite ultrapassar fronteiras de modo mais rápido e em maior frequência. Se você for de São Paulo a Porto Alegre de ônibus, o percurso levará por volta de 24 horas, mas se você for de avião, a duração da viagem é menor do que duas horas, o que facilita e oportuniza o deslocamento. Ainda que diferentes lugares do mundo estejam mais acessíveis, em grandes metrópoles, você pode escolher conhecer culturas que estão mais próximas, e isso não significa que elas sejam tão semelhantes às suas.

Esse contato pode evidenciar elementos culturais que você considere estranhos, causando certo estranhamento sobre o modo de vida do outro. Às vezes, pode até mesmo achar engraçado o modo como as pessoas de outras sociedades falam, se vestem ou mesmo dançam. Estranhar, em um primeiro momento, é como não entender direito o porquê a pessoa age de determinada

forma, fala diferente ou mesmo come algum tipo de prato típico da região (Figura 1).



Figura 1. A diferença entre as culturas acarreta em diferenças conceituais.

Fonte: Ruas (2012).

Isso acontece por que somos etnocêntricos, ou seja, entendemos que o nosso modo de vida é o certo, correto, adequado, já que, para nós, é a nossa cultura e o que faz sentido nela é o que está no centro do nosso entendimento. Assim, a referência do que é certo e errado é dada pela cultura na qual nascemos. Então, podemos dizer que nascemos etnocêntricos e, com o passar do tempo, podemos aprender a relativizar o que temos como referência. Nesse sentido, o comportamento etnocêntrico pode até ser depreciativo em relação aos padrões culturais diferentes dos seus, julgando-os como imorais, aberrações ou equívocos.

Deste modo, temos de cuidar para que não apreendamos atitudes discriminatórias de diferentes ordens com a cultura do outro. Entendemos que, em um mundo que possibilita cada vez mais encontros, temos de saber conviver, relativizar e entender os diferentes modos de vida. Nem todos vão ter o mesmo certo e o mesmo errado, e, então, para que sejamos respeitados nos nossos pensamentos é preciso que respeitemos o certo e o errado do outro. Com o tempo e com o convívio cultural, o que era diferente pode se tornar compreensível quando analisado a partir de outros modos de vida. O meu certo e meu errado podem ser diferentes do certo e do errado do outro. Por isso, o nosso contato pode permitir uma negociação de sentidos, entendimentos e leituras sobre a sociedade que nos possibilite ampliar as formas de ver o mundo.

Universalismo, relativismo e multiculturalismo

Temos algumas correntes de pensamento que elucidam possibilidades de encontrar acordos universais, e outras que entendem que esses acordos devem considerar as diferenças culturais. Vamos tentar entender o que propaga cada uma delas e como podemos nos apropriar de suas discussões, para pensarmos a relação entre as culturas.

Universalismo

Em um cenário pós-segunda guerra, depois das crueldades cometidas pelo nazismo, o Movimento do Direito Internacional dos Direitos Humanos se organizou para instituir alguns parâmetros éticos da ordem internacional. Coube, assim, evidenciar alguns direitos considerados universais que perpassassem a condição geral da pessoa humana, independente de especificidades culturais. Desse modo, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, foi o documento adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e que reconheceu a dignidade humana de todos os seres humanos, sem levar em consideração as diferenças entre as culturas.

A partir deste contexto histórico, o universalismo ganhou adeptos, principalmente, através de um discurso de proteção do homem, como diz Silva e Pereira (2013, p. 500):

Com a universalização, portanto, buscou-se proteger o indivíduo simplesmente por ser um ser humano, independe de seu país, de sua cultura. Apenas a condição de ser humano é que interessa ao universalismo cultural, já que tais direitos decorrem inescusavelmente da própria dignidade humana, entendida como valor indissociável da condição de ser humano.

É delicado o tema de adoção de princípios universalistas para que não seja tomada de forma radical, impondo que alguns países possam decidir pelos outros o que é considerado universal ou não. Ainda mais em um contexto de imperialismo, de globalização e de disputa por hegemonia econômica o argumento universalista pode ser utilizado como um pretexto para interferência nas práticas culturais diversas visando a dominação e até a aculturação dos povos.

Relativismo

O relativismo cultural aposta na manutenção das diferenças culturais, preservando as identidades e a diversidade das inúmeras sociedades existentes. Neste pensamento, cabe considerar como parâmetro o respeito à autonomia de cada nação ou povo para definir sua forma de vida, conforme seus valores e crenças. E assim, opõe-se a criação de um parâmetro do universalismo, porque entendem que, se defini-lo como tal, pode buscar se sobrepor aos princípios e fundamentos de sociedades que não consideram esse parâmetro como legítimo.

A interpretação de Silva e Pereira (2013, p. 506) sobre os relativistas é que, para eles:

[...] assim como há diversas culturais, há diversos sistemas morais, pelo que restaria impossível o estabelecimento de princípios morais de validade universal que comprometam todas as pessoas de uma mesma forma (PIOVESAN, 2006, p. 45). Ou seja, os que aderem a esta posição, a cultura é a única fonte válida do direito e da moral, capaz de produzir seu próprio e particular entendimento sobre os direitos fundamentais.

Logo, não haveria como propor um princípio universal entre os povos e sociedades existentes. A cultura torna-se preponderante para acessar, conhecer e até questionar práticas culturais consideradas absurdas.

Multiculturalismo

Para sair dessas correntes de pensamentos dicotômicos, uma nova proposta se apresenta: o multiculturalismo. Esse conceito entende que deve haver harmonia na convivência da pluralidade cultural. Boaventura de Sousa Santos (1997, p. 19) propõe uma definição mais aprofundada:

O multiculturalismo, tal como eu entendo, é pré-condição de uma relação equilibrada e mutuamente potenciadora entre a competência global e a legitimidade local, que constituem os dois atributos de uma política contra-hegemônica de direitos humanos no nosso tempo.

Deste modo, deve-se levar em consideração os princípios de igualdade e o reconhecimento das diferenças, para pensar em uma concepção de direitos humanos aglutinadora, híbrida e agregadora. Assim, não se deseja opor universalismo e relativismo, mas compor um diálogo entre essas teorias para defesa dos direitos humanos, sem descaracterizar as particularidades das diversas culturas.



Link

Você pode assistir a palestra de Boaventura de Sousa Santos sobre Direitos Humanos e suas problematizações sobre esses conceitos:

<https://goo.gl/r26eZK>



Trabalho do antropólogo e olhar do outro

Depois de compreendermos um pouco mais das relações entre as culturas e das correntes de pensamento sobre como pensar os direitos humanos e as culturas no âmbito universal, vamos refletir em relação ao cotidiano da pesquisa antropológica. Ou seja, diante do debate teórico em como enquadrar as sociedades humanas, cabe imaginar como será o nosso encontro com alguém de uma cultura estranha a nós.

O que importa, primeiramente, é que estejamos, de fato, interessados em conhecer e compreender o modo de vida de outras pessoas. Sejam pescadores, trabalhadores informais, dançarinos, empresários, gestores, entre outros, cabe a dedicação no encontro etnográfico. Para Cardoso de Oliveira (2000, p. 24), é nesse encontro que se:

Cria um espaço semântico partilhado por ambos interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela “fusão de horizontes” – como os hermeneutas

chamariam esse espaço –, desde que o pesquisador tenha habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo de “iguais”, sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos do seu próprio discurso.

Cabe o diálogo entre pesquisador e pesquisado, de modo que a vivência em uma cultura é imprescindível para o primeiro poder acompanhar uma forma de ver a vida diferente daquela que ele conhece. Alguns processos de negociação podem ser mais demorados do que outros, mas é preciso que o pesquisado adquira certa confiança no pesquisador e no seu trabalho, para que a fusão de horizontes ocorra. Assim, o produto gerado pela pesquisa antropológica registrará os meandros desse encontro que permitiu acessar compreensões e explicações, que seriam inacessíveis sem a interlocução entre o pesquisador e o pesquisado, durante o trabalho de campo.

Para isso, o autor ainda levanta algumas “faculdades do entendimento” (OLIVEIRA, 2000, p. 17), inerentes ao modo de conhecer o outro em Ciências Sociais, cujos atos cognitivos possibilitam que a mescla de horizontes seja material de reflexão do pensamento científico. São eles: olhar, ouvir e escrever. Vamos falar sobre cada um deles!

O olhar pode ser, inicialmente, curioso ou mais atento, e aos poucos vai sendo treinado para buscar gestos, atos, elementos culturais que sejam relevantes para conhecer mais a cultura do outro. Ainda que tenhamos lido sobre outros modos de vida, quando chegamos em outras sociedades, é possível que diferentes aspectos culturais chamem a nossa atenção. Assim, de modo empírico, vamos observando para acessar, conhecer, entender o que, em um primeiro momento, parece-nos estranho. Esse olhar vai se direcionando, se aperfeiçoando, se complexificando, tornando-se ferramenta de conhecimento da cultura do outro.

Entretanto, somente observar não nos garante esse conhecimento. É preciso complementar o que vemos, com o que ouvimos. Assim como o olhar, o ouvir de forma mais atenta e apurada envolve uma aprendizagem de quem escuta, que se molda de acordo com os interesses desse conhecimento. Deixar de lados os ruídos e se dedicar a uma escuta atenta, que leve a compreender os simbolismos que veiculam o som, a voz, a música, entre outros. Durante o carnaval, a dimensão sonora de um desfile na avenida pode expressar a força de uma comunidade, alinhada em um mesmo canto, comemorando sua união e seus esforços para estarem ali.

Cabe ouvir o outro em suas manifestações culturais, mas também entrevistá-los para questionar o que não se entende, para aprender com quem discursa

sobre seu modo de vida com facilidade, para entender o argumento que, às vezes, não faz muito sentido para quem escuta. Assim, esse ato cognitivo possibilita aprofundar a leitura sobre o outro. O que pode parecer óbvio para um, pode ser completamente estranho para outro. Ainda mais se a língua a qual estamos estudando não é a mesma que a nossa. Desde Malinowski (1976), recomenda-se que o próprio pesquisador conheça, aprenda e estude o idioma do outro, por mais diferente que possa ser do seu. Assim, a convivência entre os interlocutores vai fazendo com que a compreensão das palavras, juntamente aos gestos expressados, potencialize a relação dialógica entre eles, pesquisador e pesquisado.

Tendo realizado o trabalho de campo, cabe registrar por meio da escrita, de forma descritiva, todos os elementos que te chamaram a atenção, contando, como história, os meandros do encontro etnográfico. É importante ter um diário de campo para anotar informações, descrever cenas, refletir mais profundamente sobre dúvidas, propor perguntas sobre o que viu e mesmo olhar o diário futuramente, quando já tiver entendido coisas que antes você não compreendia sobre o outro, depois parecem tão evidentes. Também é através desse material que você poderá utilizar para informar outros pesquisadores sobre o que vem sendo estudado, e até mesmo trocar ideias e possibilidades interpretativas em relação ao fenômeno estudado.

Como nos lembra Geertz (2002), é no estar lá que você vai ouvir e ver, ao vivenciar juntamente com o outro, momentos de seu estilo de vida, mas é no estar aqui, dentro do escritório, ao escrever, que poderá ter *insights*, fazer relações, produzir organogramas, analisar os pormenores, dimensionando a interpretação do fenômeno estudado. Nesse sentido, o registro no diário de campo, a descrição densa ou mesmo a produção de um *paper*, possibilita um momento de produção intelectual a partir dos dados observados, sendo ela um papel chave para um estudioso das culturas e das sociedades.

Inicialmente, o estranhamento sobre o outro faz com que o pesquisador seja sensibilizado a prestar mais atenção no que faz, no que diz, no que sente aqueles que são pesquisados. Mas é por meio desse longo processo de encontro etnográfico (OLIVEIRA, 2000) que a relação entre as culturas, nas suas diferenças e proximidades, possibilita que as experiências do antropólogo se transforme em conhecimento científico.



Link

Assista o vídeo da antropóloga Débora Diniz sobre "Como fazer um diário de campo". Acesse o link ou o código a seguir.

<https://goo.gl/7WV7Sa>



Referências

- GEERTZ, C. *Trabalhos e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- OLIVEIRA, R. C. de. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- RUAS, C. *800 - Conceitos*. [2012]. Disponível em: <<http://www.umsabadoqualquer.com/800-conceitos/>>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- SANTOS, B. de S. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 48, jun. 1997.
- SILVA, M. F. da.; PEREIRA, E. W. Universalismos x relativismo: um entrave cultural ao projeto de humanização social. ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI / UNINOVE, 22. *Anais...* Florianópolis: FUNJAB, 2013.

Leituras recomendadas

- CAPOZZOLI U. Experiências de estranhamento. 2008. Revista digital *Scientific American Brasil*. Disponível em: http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/experiencias_de_estranhamento.html. Acesso em: 24 ago. 2017.
- KOTTAK, C. P. *Espelho para humanidade: uma introdução concisa à antropologia cultural*. 8. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LARAIA, R. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual da Instituição, você encontra a obra na íntegra.

Conteúdo:



SOLUÇÕES
EDUCACIONAIS
INTEGRADAS